

A HILDA É O RESULTADO CONTÍNUO DE UMA SÉRIE DE COISAS INUSITADAS

Hilda is the continuous result of a series of unusual things

Gutemberg Medeiros¹
Jornalista e professor

A Hilda é o resultado contínuo de uma série de coisas inusitadas, completamente fora do comum, a partir até do surgimento dela. Primeiro, no seio da família Almeida Prado, uma tradicional família cafeicultora quatrocentona do estado de São Paulo, em que primos se casavam com primos para manter o nome e a fortuna entre eles. No final do século XIX, na troca de mão de obra escrava para branca, os cafeicultores paulistas importam mão de obra europeia, inclusive para branquificar o Brasil, erradicar o elemento negro. Aí vem um imigrante da Alsácia-Lorena, que era um leitor, fugindo de uma Europa de fome, e traz na sua malinha alguns livros. Ele era um ser urbano, mas se habilita; para sair da Europa, fazia qualquer negócio, e vai parar numa fazenda de café como agricultor, sem nunca ter trabalhado na terra. O fato é que a filha do dono da terra se apaixona por ele, e vice-versa, e ela peita toda a família e ele consegue casar com ela. Aí que vem o Hilst, um leitor. Aí nasce o pai dela, o Apolônio de Almeida Prado Hilst, que tinha uma marca muito interessante. Ele já vivia toda vida uma vida meio subesquizoide, porque durante seis meses do ano era um típico cafeicultor da sua estirpe, ou seja, andava com capangas, exercia o poder na base do terror, mas nos outros seis meses do ano ele saía de Jaú, era um dândi do começo do século, refinadíssimo, um escritor; chegou a escrever poesia de boa qualidade e frequentava os salões literários modernistas, foi grande amigo do Mário e do Oswald de Andrade, por exemplo. E frequentava a alta roda dos barões de café e da indústria emergente, dos industriais emergentes de São Paulo e do Rio [de Janeiro]. Em 1929 conhece a Bedecilda Vaz Cardoso, uma portuguesa lindíssima, jovem, que tinha chegado ao Brasil com cerca de 13 anos de idade, e era simplesmente automichê no Rio de Janeiro; ela se gerenciava a si própria. E primeiro ela conhece o Apolônio profissionalmente, eles se apaixonam – tudo isso segundo a Hilda –, o Apolônio tinha um medo terrível de se envolver sentimentalmente a sério com alguém, porque não queria ter filhos, por temer a esquizofrenia dos Almeida Prado, gerada pelas uniões consanguíneas. Então, quando percebe que se apaixona por ela e que pode viver uma coisa muito séria, simplesmente foge do Rio de Janeiro e volta para Jaú. Ela, mesmo tendo um filho de outra relação, pequeno, o Ruy, vai atrás dele em Jaú. Em 1929, era inusitado uma mulher com essa coragem. Ela vai para Jaú

¹ Este depoimento foi publicado no livro *Hilda Hilst pede contato* (São Paulo: SESI-SP, 2018, p. 105-113), organizado por Gabriela Greeb, diretora do filme de título homônimo, que o cedeu para a edição deste dossiê. Gutemberg Medeiros (1964-2023), jornalista e professor, foi grande amigo de Hilda Hilst e personagem central da história da Casa do Sol.

e reencontra o Apolônio; eles retomam o relacionamento, e ele simplesmente monta uma casa para ela na praça da Matriz. Isso gera um escândalo no seio da tradicional família jauense, ou seja, era a amante que trazia o filho de uma outra relação para viver uma relação ilegal, para a igreja e para o estado, mas ninguém pôde fazer nada, porque ele era uma das pessoas mais poderosas da cidade. A Hilda nasce nesse contexto; inclusive uma demonstração do poder do Apolônio está na certidão de nascimento da Hilda. Ela gostava de lembrar disso, que ela tinha o nome do pai na certidão de nascimento, porque até os anos 1960, no Brasil, era proibido registrar nome do pai na certidão de nascimento para filhos naturais. Tinha de apresentar certidão de casamento do estado ou certidão da igreja. E o Apolônio foi registrar a Hilda alegremente, e registrou. Ela sempre teve o nome do pai, apesar de ser de uma ligação natural, não legal. Logo mais, a Bedecilda, em pouco tempo, percebe os primeiros sinais evidentes de loucura do Apolônio e teme violência. Simplesmente ela junta as coisas dela e vai para Santos. Por que Santos? Mesmo depois dos anos 1930, com o “crack” da Bolsa, com a crise do café, Santos era o maior porto da América Latina, onde corria muito dinheiro. Então ela retoma suas atividades profissionais em Santos, vai morar no bairro de Aparecida, vizinho ao da Ponta da Praia, há poucas quadras da praia. A Hilda cresce em Santos, à beira-mar. Todos os dias toma banho de mar, com a empregada. Isso é um dos motivos inclusive pelos quais a presença do mar e do sol é tão importante na vida dela. A Hilda era uma pessoa solar, é curioso isso. Eu sou de Santos também. A gente, quem é da beira do mar, reconhece o outro. Tem traços específicos, do jeito que o sertanejo tem traços; quem vem do interior tem traços específicos; quem vem da montanha tem traços específicos. Então a Hilda cresce à beira-mar, muito criança, e tem essa importância muito grande o Sol para ela. Tanto que ela deu o nome de Casa do Sol para a morada, para a grande morada dela. Mas a mãe, dona Bedecilda, era uma mulher excepcional, porque botou o quê na cabeça? Que a Hilda teria a melhor formação que o dinheiro pudesse pagar no Brasil. Porque ela não queria que a filha dependesse de algum homem na vida. Então, ela interna a Hilda no Santa Marcelina, aqui em São Paulo, que era um internato de freiras da alta burguesia paulistana. Melhor do que isso, só se fosse mandada para a Suíça. A Hilda, inclusive, gostava de lembrar que, para as freiras, era evidente que a dona Bedecilda não vivia uma situação regular em termos de estado civil. Perceberam que ela era uma pessoa que tinha uma vida irregular para os padrões da época. A dona Bedecilda lembrava para a Hilda o sacrifício que foi pagar a educação dela no Santa Marcelina, porque já era muito caro e ela teve que pagar ágio para as freiras engolirem a Hilda. Então a Hilda cresce naquele internato, [fica] oito anos e recebe o melhor que a formação clássica pode oferecer. Ela lê os latinos em latim, lê os helenos em latim, e teve acesso também à ala proibida, vedada, da biblioteca das freiras, que tinha os textos latinos fesceninos, os textos latinos eróticos.

Mas uma marca da infância dela, e é interessante ter crescido num internato de freiras muito rigorosas religiosamente, é que ela teve uma formação básica de adoração de estudo de santos, da hagiografia, mas de uma maneira peculiar e original; ela reprocessou todo aquele universo que recolheu criança e enfrentava as freiras. Ela dizia para as freiras que as santas não eram do jeito que as freiras falavam. Ela enxergava as santas, como santa Teresa de Lisieux, por exemplo, como grandes mulheres apaixonadas, acima de tudo. Sentia que havia uma coisa diferente da paixão, e depois ela vai buscar, isso é uma marca basilar na Hilda, essa busca apaixonada, unindo um senso ontológico de busca da condição humana, do essencial humano e uma

busca de uma transcendência. Por exemplo, ela lia a Sor Juana [Inés] de la Cruz, que entrava quase em combustão espontânea em uma paixão carnal por Deus. Então buscava essa transcendência, que intuitivamente achava que já tinha em criança, do corpóreo, da paixão mundana com a paixão sagrada.

Ela já buscava intuitivamente o que seria essa fusão entre o sacro e o profano. Ou seja, o sagrado, ele engloba o profano também. Tem uma busca por Deus, assim, incansável. Uma busca e um questionamento por Deus, e acho que ela se realiza mais em *Sobre a tua grande face* (1986), um dos últimos livros de poemas dela. Então, sai do Santa Marcelina já com essa formação clássica e essa busca ontológica, em 1944/1945, no final da Segunda Guerra Mundial, quando explode no Brasil o existencialismo francês. Ou seja, a tríade [Jean-Paul] Sartre, Simone de Beauvoir e [Albert] Camus. Ela vai buscar esses autores já no final da adolescência, com 16/17 anos, aqui em São Paulo. Mantém a formação dela em altíssimo nível no Mackenzie na época, e ela entra no universo literário graças à fome de livros, de leitura. Ela ouve falar de uma ótima livraria no centro de São Paulo, perto da República, chamada Livraria Jaraguá, com livros refinados, franceses, cujo dono era hiperlegal, hiperintelectual. Ela vai atrás dessa livraria por conta própria, para buscar o quê? Os franceses emergentes da época. O Camus, o Sartre, Simone de Beauvoir. Era o Alfredo Mesquita, da família Mesquita, do *Estado de S. Paulo*. Ele montou uma livraria para ser um ponto de encontro da intelectualidade na época. No fundo da livraria, tinha um salão, um *living*, onde se reuniam o melhor da crítica literária e escritores de São Paulo, do jeito que no Rio de Janeiro era a José Olympio. Lá, em 1947/1948, ela conhece Sérgio Milliet e o melhor da intelectualidade paulistana. O Sérgio Milliet era o melhor, um dos mais importantes críticos literários de São Paulo, do *Estado*. E, por conseguinte, ela entra no clube de poesias de São Paulo, que era o grande ponto de encontro entre escritores jovens e consagrados, com críticos, jornalistas e interessados, cujas reuniões geralmente se davam na Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Era inebriante conversar com a Hilda. Eu senti esse impacto todo aos 20/21 anos de idade; ela tinha 56 anos. E é impressionante como se olha hoje a obra da Hilda. Em arquitetura, ela seria o famoso tijolo aparente. Quando você vê as estruturas e sobre o que são feitos aqueles elementos, vê o tijolo, o cano; e a Hilda é muito generosa nesse sentido. O tempo todo ela está não só se comunicando com uma tradição, como traz um monte de gente boa atrás dela. Mas o tempo todo está comunicando direta e indiretamente para o leitor, e está preocupada em passar para ele do que é feito esse amálgama que ela produz. Você vê lá Ovídio, Virgílio. Por exemplo, a grande brincadeira dela, o *Bufólicas*, é uma brincadeira e Virgílio está lá, não é gratuito. Em várias obras, como falei em *A obscena senhora D*, está o Tolstói. Ela não está preocupada em esconder as cartas do leitor, está mostrando o tempo todo para ele: olha, estou escrevendo, estou fazendo uma coisa, mas olha com quem eu trabalho, qual é a minha matéria-prima. Então, a Hilda é uma escritora muito generosa nesse sentido. O tempo todo ela está sempre passando para o outro o que ela está lendo, o que está construindo, e como está sendo feita essa caminhada, como a literatura transformou a vida dela e ao mesmo tempo a formou. E ela acha que pode passar isso para o outro, e conseguiu em boa medida. E para o leitor que realmente topa fazer essa grande viagem da literatura, que é uma grande viagem dos mundos internos e externos, ela dá os elementos. Agora, nesse sentido, como a literatura transformou o mundo dela, acho que um momento basilar da trajetória dela está com o *Carta a El Greco*, de Nikos Kazantzákis. Em 1961 ela era uma escritora reconhecida por

alguns dos maiores críticos, publicava em editoras pequenas, e vivia já havia alguns anos na alta sociedade paulistana, namorava muito, tinha um padrão de vida muito alto, mas sentia uma angústia muito grande, porque achava que não fazia o necessário ainda, que não tinha produzido uma boa obra e não sabia por quê.

Até que um grande amigo dela, Carlos Maria de Araújo, português que veio para cá exilado do salazarismo, nos anos 1950 – junto com uma leva histórica de exilados. O Carlos Maria deu para ela o *Carta a El Greco*, do Kazantzákis, um grande escritor grego. Foi a última grande obra dele, em que o Kazantzákis faz uma espécie de livro-caixa simbólico da vida dele e descreve a ascese que foi a vida dele, a busca da iluminação mesmo, iluminação em todos os sentidos que se possa imaginar, do místico ao puramente racional. Mas um dos sumos mais importantes do livro, que ele deixa bem claro, é: se você quer conhecer o humano, tem que fugir da mundaneidade, do convívio do humano. Você tem que se isolar para escrever. A Hilda sentiu aí um chamamento, quase místico; sentiu que ela precisava sair da mundaneidade, sair da alta sociedade, das viagens para a Europa, das festas, das recepções, e muda radicalmente a vida dela. Larga os vestidos de grife, larga as joias, vende um casarão em que ela morava em Perdizes, pede um pedaço da terra da mãe – que na época era fazendeira e tinha uma fazenda de café nas imediações de Campinas –, pede um pedaço da herança em vida para construir uma casa o mais simples possível, quase um mosteiro, para passar o resto da vida e construir uma obra, e ler, e construir, e se construir como pessoa e construir uma obra. E ela faz isso; projetou a casa que ela chama de Casa do Sol, que é um nome simbolicamente muito forte. Eu vi em 1985, quando eu a conheci, o croqui da casa. Ela desenhou para o engenheiro construir. É uma casa mediterrânea, uma casa de Península Ibérica, com pátio de pedra interno, bossa mourisca, ou com arcadas. É uma casa que tem um despojamento, é quase um mosteiro mesmo, onde ela busca silêncio e ambientes amplos. Porém, ela consegue conciliar na Casa do Sol um isolamento necessário, um afastamento da humanidade, da mundaneidade, mas ao mesmo tempo chama e recebe amigos essenciais e vira uma espécie de usina de produção também para outras pessoas. Então, ao mesmo tempo que ela conseguia a privacidade necessária para ler, estudar e se construir, conseguiu reunir gente das mais variadas áreas, como Lygia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu e até César Lattes e Mario Schenberg, da física, para discutir e se construir como pessoa. Então, a Casa do Sol teve essa importância vital. Ela refaz a trajetória do Kazantzákis nesse sentido, consegue esse isolamento necessário para construir esse trabalho e essa obra, e onde teve os contatos imediatos com disco voador.

Foto 1 - Em memória de Gutemberg de Medeiros (imagem na Casa do Sol durante a filmagem de Hilda Hilst pede contato)

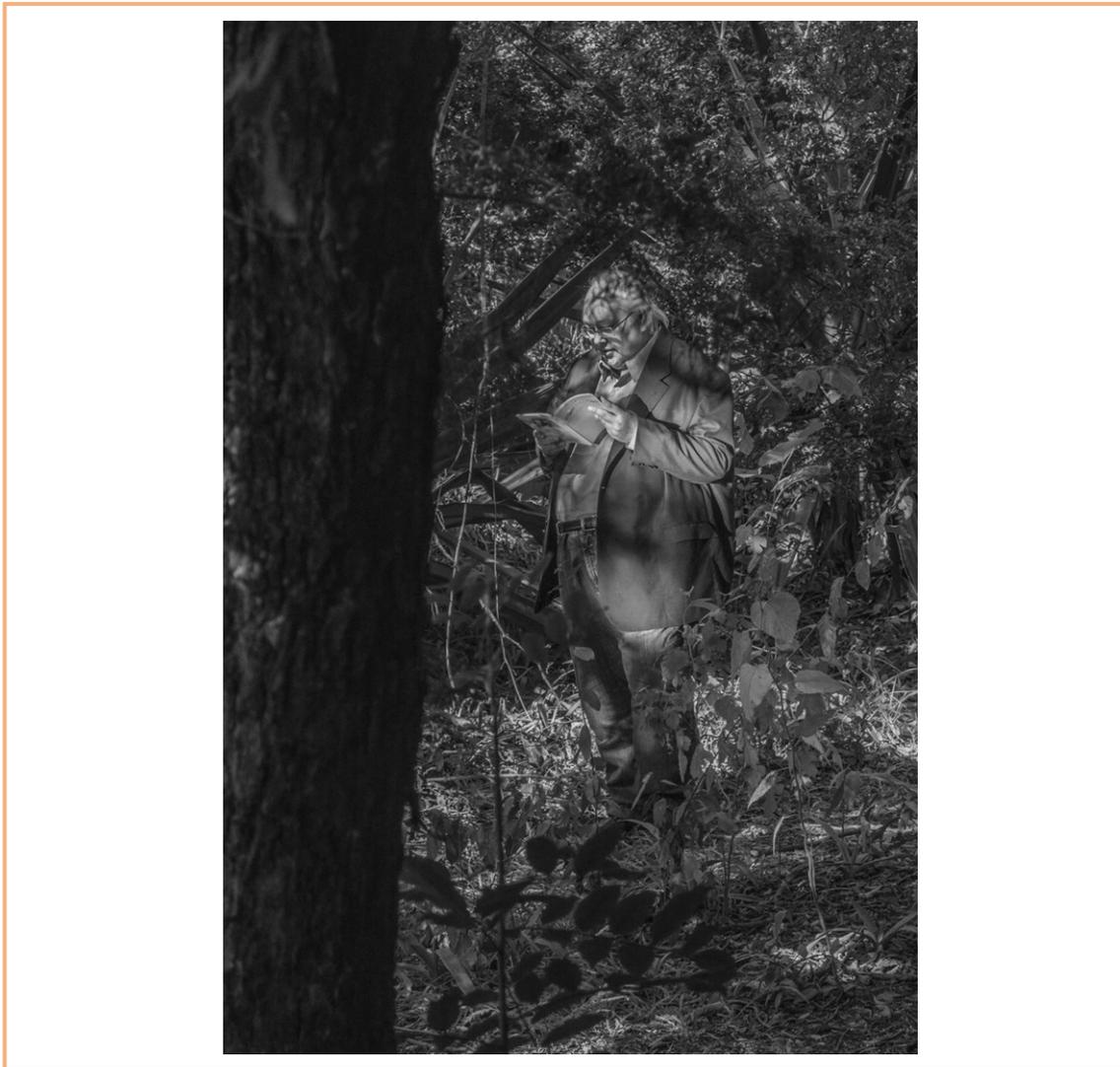


Foto: Maurizio Manciola

Manuscrito aprovado para publicação em: 01/03/2024